

Manter estabilização, pedido do Ibre

Da sucursal do
RIO

O Brasil precisará passar por uma fase de moderado crescimento econômico a curto prazo a fim de poder recuperar seu dinamismo característico a médio e longo prazo, persistindo ainda no atual ritmo de estabilização econômica, com a queda da inflação, o saneamento das finanças dos setores público e privado e a manutenção da política cambial para sustentar os preços externos dos produtos exportáveis.

Esta é a recomendação contida na Carta do Ibre (Instituto Brasileiro de Economia), da Fundação Getúlio Vargas, referente ao mês de maio, e que circula junto com a edição de "Conjuntura Econômica" que começará a ser distribuída esta semana.

"A tarefa das autoridades governamentais é, reconhecidamente, complexa", observa a Carta do Ibre, assinalando que a complexidade corre da necessidade de utilizar os instrumentos de política econômica de forma a não abortar a recuperação da economia e, simultaneamente, conter a inflação e os déficits externos.

Persistir no atual caminho da estabilização econômica constitui, para a Carta do Ibre da Fundação Getúlio Vargas, o caminho necessá-

rio para o País empreender a reforma estrutural em sua economia. Esta é a condição para que prossiga a recuperação econômica em andamento, sobretudo porque hoje existe largo potencial para crescimento por meio das exportações dos produtos agrícolas e industriais". "Se a atual (e a futura) expansão das atividades fábricas estiver fortemente correlacionada ao descontrole monetário e fiscal, estaremos unicamente trocando um pouco mais de crescimento hoje por muito menos crescimento e mais sofrimento amanhã. Adverte a Carta".

SAIR DA RECESSÃO

A "Carta do Ibre" alerta, ainda, para o fato de que o País somente poderá sair do processo recessivo em que se encontra pelo combate direto aos desequilíbrios estruturais da economia, "o que significa eliminar as causas da inflação, manter a competitividade das exportações por via cambial e tornar os preços internos flexíveis".

No caso brasileiro, segundo o Ibre, sair da recessão exige renegociação mais favorável da dívida externa, para estancar a saída líquida de recursos financeiros, bem como ampla reestruturação do sistema financeiro e fiscal, visando ao aumento da taxa de poupança interna.

Para a "Carta do Ibre", é importante advertir para os riscos da "ilu-

são antimonetária" na reversão da tendência da recessão econômica, já que a alternativa para a recessão pela expansão monetária "não dura mais do que o tempo de um novo repique inflacionário, seguido de intensificação do sofrimento recessivo".

Essa advertência, diz a "Carta", torna-se mais relevante porque foram desrespeitadas as metas de expansão dos meios de pagamento e da emissão primária de moeda no primeiro trimestre, fixadas no acordo com o FMI. "As estimativas de expansão dessas duas variáveis, em abril, apontam para a necessidade de uma revisão dos controles da moeda e do crédito", assinala a "Carta do Ibre", acrescentando que "caso contrário chegaremos ao final do segundo trimestre com resultados inteiramente afastados dos propósitos de uma estabilização econômica duradoura".

Ao analisar o problema, a "Carta do Ibre" assinala que um controle mais rigoroso da expansão monetária estaria vinculado à expansão dos empréstimos dos bancos de investimento e da rede de poupança. E defende a continuidade dessa política, sustentando que seria lamentável que isso não acontecesse, depois dos elevados índices de desemprego e da queda do salário real.